

LUCIANO PEREIRA DA SILVA

O «ROTEIRO»
DA
PRIMEIRA VIAGEM DO GAMA
E A
SUPOSTA CONJURAÇÃO



COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1925

Sala	5-
Gab.	-
Est.	37
Tab.	6
N.º	83

OFFICE OF THE SECRETARY OF THE ARMY

DEPARTMENT OF THE ARMY

WASHINGTON, D. C.



O «ROTEIRO»
DA
PRIMEIRA VIAGEM DO GAMA
E A
SUPOSTA CONJURAÇÃO

O ROTERO

PRIMEIRA VIAGEM DO GAMA

SUBSTITUIÇÃO

LUCIANO PEREIRA DA SILVA

O «ROTEIRO»

DA

PRIMEIRA VIAGEM DO GAMA

E A

SUPOSTA CONJURAÇÃO



COIMBRA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE

1925

LUCIANO PEREIRA DA SILVA

O ROTEIRO

PRIMEIRA VIAGEM DO GAMA

Separata de «O Instituto», vol. 72 °, n.º 2

SUPPOSTA CONJURAÇÃO



COIMBRA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1922

Na Biblioteca Municipal do Pôrto existe um manuscrito, proveniente da colecção do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em que se lê a narrativa da viagem de Vasco da Gama em descobrimento do caminho marítimo da Índia. Redigida por um dos que foram na famosa expedição, é a única narrativa, hoje existente, de autor que tivesse tomado parte neste heróico e espantoso feito. Não é autógrafo, é uma cópia em letra dos começos do século xvi. Impressa pela primeira vez no Pôrto, em 1838, é hoje obra universalmente conhecida, pois foi já traduzida para francês, inglês e alemão. Os investigadores estrangeiros que, com tanto interêsse, a têm traduzido e comentado, consideram o manuscrito da Biblioteca do Pôrto como um dos mais valiosos e emocionantes documentos da história da civilização mundial.

Tão precioso documento foi publicado em 1838 por Diogo Kopke, professor de matemática na Academia Politécnica do Pôrto, com o título *Roteiro da viagem que em descobrimento da Índia pelo Cabo da Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em 1497*, tendo-lhe juntado um prefácio e notas, tudo de grande valor, segundo a opinião unânime dos tradutores. A primeira tradução do *Roteiro*, para francês, por Ferdinand Denis, apareceu no tómo terceiro da estimada obra de Charton, *Voyageurs Anciens et Modernes*, Paris, 1855.

No ano de 1858 começou a Academia das Ciências de

Lisboa a imprimir, sob a direcção de Rodrigo Felner, as *Lendas da Índia*, de Gaspar Correia, onde a primeira viagem do Gama é contada de maneira completamente diferente do que se lê no manuscrito da Biblioteca do Pôrto. Três anos depois, tendo-se esgotado a primeira edição do *Roteiro*, fez Alexandre Herculano uma segunda edição, com o título: *Roteiro da viagem de Vasco da Gama em 1497*, Lisboa, 1861. Na advertência, com que precede a nova edição, exprime Herculano este juízo a respeito das *Lendas da Índia*: «Em relação à viagem do descobrimento como em relação a tantos outros pontos da nossa história, as *Lendas* levam decidida vantagem ao que escreveram Barros e Castanheda». Esta opinião é já hoje insustentável, no que diz respeito à viagem do descobrimento. O eminente historiador acrescenta ainda: «É o *Roteiro* que completa o trabalho do cronista, e que, com elle torna hoje perfeitamente conhecido em tôdas as suas circunstâncias, um dos principais assuntos da história das nações modernas». Mas não é possível harmonizar as *Lendas* com o *Roteiro*, e é a este último que tem de dar-se a preferência.

A edição de Herculano foi logo seguida de nova tradução francesa, por Artur Morelet, com o título: *Journal du voyage de Vasco da Gama em 1497*, Lyon, 1864.

Em 1869 appareceu, entre as publicações da «Hakluyt Society» de Londres, o livro de Henry Stanley, *The three voyages of Vasco da Gama and his viceroyalty*. É a tradução inglesa dos capítulos de Gaspar Correia relativos às três viagens do Gama, acompanhada de introdução e notas. Entusiasmado com as *Lendas da Índia*, de que teve à mão uma cópia manuscrita, julga Stanley apresentar a verdadeira história das expedições do Gama e pôr definitivamente de parte o que dizem Castanheda, João de Barros, Damião de Góis e Jerónimo Osório. O seu estudo é bastante superficial e contém muitas apreciações erradas.

Por motivo da celebração do quarto centenário do descobrimento do caminho marítimo da Índia, publicou-se um novo volume da «Hakluyt Society», de Londres, intitulado: *A journal of the first voyage of Vasco da Gama, 1497-1499*. É a tradução do *Roteiro* para inglês, com introdução, valiosas notas e documentos, ilustrações e mapas muito úteis, feita por Ernesto Ravenstein, da Sociedade de Geografia de Londres. Neste mesmo ano e por idêntico motivo, imprimiu-se em Munich a obra do Dr. Franz Hümmerich, *Vasco da Gama und die Entdeckung des Seewegs nach Ostindien*, em que se trata da personalidade de Vasco da Gama e das suas três viagens à Índia, com estudo crítico das fontes, incluindo-se a tradução completa do *Roteiro* para alemão. Tendo residido em Lisboa e no Estoril, como preceptor dos filhos do ministro da Alemanha em Lisboa, o conde de Bray-Steinburg, nos anos de 1893 e 1894, moço ainda, tendo visto Belém, Tomar, Alcobaça e a Batalha, o Dr. Hümmerich apaixonou-se com entusiasmo juvenil, pela época heróica das nossas empresas marítimas. Assim se originou o livro, feito com elevado critério e profundo estudo, com que concorreu para a celebração do centenário, e que ainda hoje se deve considerar o melhor que se tem escrito sobre Vasco da Gama e as suas viagens.

Por ocasião do mesmo centenário imprimiu-se, também no ano de 1898, em Alenquer, um folheto de 60 páginas, intitulado: «*Vasco da Gama, quando partiu? Problema cronológico pôsto por Frederico Diniz de Ayalla*». O assunto, anunciado no título, é o menos importante do opúsculo. O autor, seguindo na esteira de Stanley, entusiasmado também com as *Lendas*, adopta, como dia da partida do Tejo, o dia 25 de Março. Gaspar Correia indica o dia de Nossa Senhora de Março, tanto para a saída da armada do Gama, como para a de Álvares Cabral, mas não pode restar hoje dúvida que isto é inexacto. A armada de Vasco da Gama

largou do Tejo em 8 de Julho de 1497 e a de Álvaro Cabral em 9 de Março de 1500. A grande novidade, porém, do opúsculo é a afirmação e pretendida demonstração de que o *Roteiro* não é cópia de um autêntico diário escrito por um dos companheiros de Vasco da Gama; é uma narrativa forjada nos fins do século XVI ou princípios do século XVII, uma pura falsificação, que não merece o menor crédito. Os argumentos de Frederico Ayalla já hoje têm resposta cabal, que adiante expomos.

Tendo-nos o Sr. Dr. Jaime Cortesão manifestado, há tempo, que desejava incluir entre as publicações da Biblioteca Nacional de Lisboa, de que está sendo um tão notável director, uma nova edição do *Roteiro*, e me queria encarregar de reunir os materiais para esta terceira edição, disse-mos-lhe que da melhor vontade trabalharíamos para tão importante obra, preferindo, porém, que pessoa mais competente se encarregasse da difícil tarefa. Não se pode erigir melhor monumento a Vasco da Gama do que essa projectada obra, em que deve juntar-se tudo quanto se tem publicado de valor, e quanto se possa ainda averiguar, sobre esta narrativa, única emanada de testemunha dos acontecimentos, para pôr na luz nítida da verdade, como é preciso, esse glorioso feito dos lusitanos.

Tendo sabido que o Dr. Franz Hümmerich, actualmente professor em Munich, com quem temos o prazer de trocar correspondência, tinha novos trabalhos sobre o *Roteiro*, cuja impressão imediata na Alemanha oferecia dificuldades, obtivemos que elle nos enviasse os seus estudos, em número de três, para serem publicados no volume décimo da *Revista da Universidade de Coimbra*, como combináramos com o illustre e activo secretário da *Revista*, Dr. Joaquim de Carvalho. Já estão dois completamente impressos, e as respectivas separatas já foram presentes à Academia das Ciências de Lisboa, quando o Sr. Pedro de Azevedo fez a proposta do

Dr. Hümmerich para sócio correspondente da Academia. A impressão do terceiro Estudo vai adiantada, incluindo já a parte que trata da autoria e da autenticidade do manuscrito da Biblioteca do Pôrto, duas questões importantes, de que vamos ocupar-nos. Ao Dr. Hümmerich muito agradecemos ter-nos fornecido tão importantes elementos, para a edição projectada pelo director da Biblioteca Nacional, com os seus três Estudos, de que daremos brevemente uma notícia completa na revista *Lusitânia*.

O autor do «Roteiro»

Que o Roteiro foi escrito por Álvaro Velho, que ia a bordo da nau *S. Rafael*, do comando de Paulo da Gama, já o tinha afirmado o primeiro editor Diogo Kopke. Da própria narrativa resulta que êle ia na *S. Rafael*, embora acidentalmente se achasse alguma vez na nau *S. Gabriel* ou na caravela *Bérrio*. Foi um dos doze que, em Calecut, acompanharam Vasco da Gama à audiência do Samorim. Dêstes doze, Castanheda menciona especialmente sete, na sua *História do descobrimento e conquista da Índia*, dizendo ignorar os nomes dos outros cinco, e é natural que entre os nomeados inclua o autor, que êle devia saber quem era, pois é do *Roteiro* que principalmente se inspira, chegando a transcrever trechos inteiros, quasi palavra por palavra.

Ora várias circunstâncias excluem todos os mencionados por Castanheda, excepto um. Por exemplo, o língua Fernão Martins e Diogo Dias são logo excluídos, porque o autor do *Roteiro* os nomeia expressamente, distinguindo-os da sua pessoa; Diogo Dias ainda por segundo motivo, o de não ir na *S. Rafael*, por ser êle o escrivão da *S. Gabriel*, e por análoga razão é excluído Álvaro de Braga, escrivão da *Bérrio*. Assim, por êste método de eliminação sucessiva,

chegou Kopke a conjecturar que foi Álvaro Velho o autor do *Roteiro*, companheiro de navio de Paulo da Gama.

O Dr. Hümmerich chega à mesma conclusão mas trazendo um complemento muito importante para elucidação do modo como termina o *Roteiro*. Descrevendo a viagem de regresso da Índia, quando vêm já descendo a costa oriental africana, depois de dizer que largaram da Angra de São Brás em 12 de Março de 1499, passaram o Cabo da Boa Esperança em 20 e navegaram com vento à popa durante 27 dias, de maneira que se julgavam em boa paragem da ilha de Santiago de Cabo Verde, a menos de cem léguas de distância, Álvaro Velho termina assim a sua narrativa: «a uma quinta feira, vinte e cinco dias do mês de abril, achámos fundo de trinta e cinco braças, e todo o dia fômos por êste caminho, e o menos fundo foram vinte braças, e não pudemos haver vista de terra, e os pilotos diziam que éramos nos Baixos do Rio Grande». Aqui acaba o *Roteiro*. Porque termina assim abruptamente a descrição do regresso, quando costeiam a Guiné, nas alturas do Rio Grande? As conjecturas, até agora feitas para explicar o silêncio em que fica o resto da viagem até Lisboa, algumas das quais incluem censuras a Nicolau Coelho, têm de cessar perante uma nova interpretação.

É sabido que na Biblioteca de Munich existe uma preciosa colecção de manuscritos que foram enviados de Lisboa, nos começos do século XVI, pelo impressor Valentim Fernandes ao conhecido humanista de Augsburgo, Conrado Peutinger, nos quais se trata de dar extensa notícia das terras descobertas e ocupadas pelos portugueses na África e Índia. A descrição da costa ocidental africana desde Ceuta até à Serra Leôa, que agora nos interessa, foi redigida no ano de 1507. Na parte relativa à costa da Serra Leôa, publicada por Kunstmann, em tradução alemã, nas *Memórias da Academia de Munich*, 1861, faz Valentim Fernandes duas

referências a um Álvaro Velho do Barreiro, e já Ravenstein perguntava se este não seria o mesmo Álvaro Velho, autor do *Roteiro*, segundo Kopke. Tratando de comprovar esta identificação, começa o Dr. Hümmerich por notar que, em frente de Melinde, o autor do *Roteiro* compara a povoação africana com uma pequena vila próxima do Barreiro: «Esta vila de Melinde está em uma angra e está assentada ao longo de uma praia, a qual vila se quere parecer com Alcochete». Seria muito extraordinário que, por simples coincidência, houvesse um Álvaro Velho do Barreiro, e ao mesmo tempo um outro Álvaro Velho que, estando em Melinde na armada do Gama, se lembrasse logo do aspecto da vila de Alcochete, que dista apenas quatorze quilómetros do Barreiro. Os dois são a mesma pessoa, como confirma a análise do manuscrito em que se contém a descrição da costa da Serra Leôa, redigida em português, chegando o Dr. Hümmerich a resultados inesperados.

Valentim Fernandes cita duas vezes o nome de Álvaro Velho. Primeiramente quando diz que em tôdas as aldeias da Serra Leôa há um idolo chamado *Cru*, o qual é uma árvore, o manipeiro, e conta que Álvaro Velho perguntara a um negro idoso porque criam em aquele pau e não em Deus, que criou o céu e a terra, etc., respondendo-lhe o negro que bem sabia daquele Deus e criam neste pau porque sabiam que êle era mandado de cima. A segunda vez é quando descreve, para além do rio das Palmas, o idolo *Chinchim*, de forma humana, guardado por cobras enormes, de dez pés de comprimento por dois palmos de grossura, que se alimentavam do sangue das vítimas, e conta como Álvaro Velho do Barreiro «que esteve alguns oito anos nesta terra» (refere-se à região da Serra Leôa), tendo ido vêr o idolo e as grossas cobras, disse que nunca se vira em tamanho perigo, apesar de lhe afiançar o capelão do Chinchim que nada tinha a temer. Os oito anos (alguns oito anos) que

Álvaro Velho demorou por aquelas regiões cabem bem nos que decorrem desde 1499, em que terminou a viagem do Gama, até o ano de 1507, em que Valentim Fernandes redigiu a sua exposição a Conrado Peutinger. A hipótese de terem esses oito anos sido anteriores a 1497 deve regeitar-se por causa do episódio em que se narra a justiça crua do rei negro Mansa Falup, o qual arrancou, êle próprio, um olho a uma irmã por esta lhe ter furtado um pouco de arroz, e êste episódio é expressamente referido ao ano de 1500. Além disso, as mais informações prestadas pressupõem já dezenas de anos de trato dos portugueses junto da Serra Leôa, descoberta por Pedro de Sintra, entre 1460 e 1463. Segundo o Dr. Hümmerich, que fundamenta minuciosamente e com seguro critério o seu juízo, a descrição enviada por Valentim Fernandes a Peutinger é baseada, na parte em que trata das regiões situadas ao sul do Rio Gâmbia, numa memória escrita por Álvaro Velho, em que êste expôz o resultado das suas observações, sôbre a terra e os habitantes, plantas e animais, clima e cultura, objectos de comércio, costumes e religião, colhidas nos oito anos em que percorreu aquelas paragens, e demoradamente conviveu com os Bolões e os Teminis.

Como foi êle parar a estas costas da Guiné? O Dr. Hümmerich reconstitui assim os factos. Álvaro Velho termina o seu *Roteiro*, dizendo que a armada do Gama, reduzida então à nau *S. Gabriel* e caravela *Bérrio*, se aproximava, em 25 de Abril de 1499, da ilha de Santiago, e que nesse dia acharam fundo de 35 a 20 braças e não puderam avistar terra, e os pilotos diziam que estavam nos Baixos do Rio Grande. Nos oito anos seguintes, um Álvaro Velho reside precisamente na costa da Serra Leôa, que, segundo Valentim Fernandes, se estende desde aí até ao Cabo do Monte. Mero acaso? De modo algum. Os navios portugueses andavam naquele dia 25 de Abril procurando terra. Desembarcaram depois para

meter água e lenha, o que não faziam desde 12 de Março. E quando os dois navios retomam a sua derrota, Álvaro Velho fica em terra, por doença, por desastre, por qualquer motivo imprevisito, e por lá se emprega, quer como feitor, quer como capitão ou mestre de alguma caravela que andasse em comércio de troca por aquelas paragens. O *Roteiro* interrompe-se então porque a viagem terminou para o seu autor. Em compensação, durante o tempo que por lá ficou, até principios ou meado do ano 1507, escreveu a descrição da costa ao sul do rio Gâmbia, que Valentim Fernandes aproveitou.

Os editores portuguezes do *Roteiro* insistem, com a maior sinceridade, em depreciar a forma como elle está redigido. Kopke diz que a evidência intrinseca do estilo e narrativa indicam a humilde situação do seu autor. Herculano chama-lhe uma narrativa rudemente escrita, onde a gramática e a clareza da dição são, a cada momento, preteridas. Os comentadores estrangeiros, menos exigentes quanto à forma, mais atentos à substância, exaltam as finas qualidades de observação do autor. Ravenstein é de opinião que elle não pode, pelo estilo literário, pôr-se a par de Barros ou Castanheda, mas isso não prova, de modo algum, que elle fôsse de humilde condição: a sua narrativa é nitida e precisa, e mostra que elle era um homem de discernimento, perfeitamente capaz de dar um intelligente relato de tantos factos novos que vieram cair sob a sua observação. O Dr. Hümmerich tem por Álvaro Velho uma consideração ainda maior, desde que o julga autor também da memória sôbre os povos occidentais africanos que serviu de fonte a Valentim Fernandes, na qual melhor se revelaram as suas inclinações para estudos de etnografia, manifestando faculdades superiores. Considera-o um homem nada vulgar, sem cultura literária, mas de larga visão e claro entendimento, com manifesto interesse, tanto pelas civilizações do Oriente como pelo estado

primitivo dos negros africanos, sabendo descrever quanto vê e ouve, com simplicidade e exactidão. Não podemos, pois, deixar de admirar êste homem que acompanhou Vasco da Gama nessa espantosa viagem de circunnavegação da África até Calecut, tendo sempre o cuidado de bem observar e registar no seu diário os factos capitais da famosa expedição, e logo a seguir se demora oito anos na costa da Guiné, onde compõe um notável trabalho de etnografia africana.

A autenticidade do «Roteiro»

Frederico Ayala publicou, em 1898, como dissemos já, um opúsculo, cuja novidade principal é a afirmação de que o *Roteiro* é um documento forjado. Com que fim e vantagem se deu o falsificador a tal trabalho não julga necessário explicar. Começa por dizer que o *Roteiro* é uma falsificação, por não possuir as qualidades de um verdadeiro *diário*, qualidades que formula arbitrariamente. Ora Álvaro Velho escreveu o que quis, como e quando pode, sem pensar que quatro séculos depois, um critico exigente lhe havia de ditar as regras do seu relato. Em seguida lança Ayala, a propósito da partida do Tejo, uma seqüência de interrogações admirativas, de pura retórica sentimental. Não vale a pena entrar em pormenores sôbre esta parte. Damos apenas uma amostra: «Nem a figura pensativa e confiada de Vasco, de pé sôbre o tombadilho, e a que o pálido luar vinha dar o realce duma visão quêda e sublime, despertou em Álvaro uma palavra sequer de admiração ou de pátrio desvanecimento?!» É claro que Álvaro Velho, como ia na nau de Paulo da Gama, difficilmente poderia apanhar êste instantâneo do capitão-mor em pé no tombadilho da *S. Gabriel*, pensativo e confiado, à luz do pálido luar...

De maior valor é já a consideração seguinte: «Para avolumar a suspeita de que o *Roteiro* é um documento dos

fins do primeiro quartel do século xvi, basta ler a descrição de certos reinos ao sul de Calecut, com o preço e procedência de várias mercadorias, e até um vocabulário da língua indígena, que segue ao interrompido diário». Com efeito, ao relato da viagem juntou Álvaro Velho dois apêndices: o primeiro é uma relação geográfico-comercial, o segundo uma lista de muitos termos da linguagem de Calecut, os quais Ayala não julga possível terem sido obtidos na primeira viagem. Precisamente estes dois apêndices são objecto dos dois primeiros estudos do Dr. Hümmersch, incluídos no volume décimo da *Revista da Universidade de Coimbra*. O vocabulário da linguagem indiana foi fornecido, durante a viagem de regresso, pelos Malabares que Vasco da Gama apanhou em Calecut e trouxe consigo para testemunhas do seu descobrimento. A relação geográfico-comercial foi fornecida por aquele judeu que Vasco da Gama tomou na ilha de Angediva e trouxe também consigo, o qual depois, com o nome de Gaspar da Gama ou Gaspar da Índia, prestou relevantes serviços ao rei D. Manuel no Oriente. Assim, os dois apêndices são antes duas boas provas da genuinidade do *Roteiro*.

Outro argumento de Frederico Ayala é a brusca interrupção da narrativa quando chegam aos baixos do Rio Grande, mas, como já sabemos, isso resultou simplesmente de ter aí terminado a viagem para o autor, que então ficou na Guiné.

O seu grande argumento, porém, que classifica de prova a mais esmagadora, é a falta de exactidão, várias vezes notada, na correspondência, entre os dias do mês e os dias da semana, apontados no *Roteiro*, julgando êle sempre que é o dia da semana que está errado, o que pode não ser a verdade. É evidente que Álvaro Velho escreveu a narração de muitos factos depois de êles se terem passado. Não admira que alguma vez se enganasse, como hoje, apesar da abundância de calendários e jornais que andam nas mãos de todos, qualquer de nós se engana freqüentemente. Nota Ayala que,

no ano de 1498, se diz no *Roteiro* que os dias 10 de Janeiro e 19 de Setembro foram em quinta feira, quando a verdade é que foram em quarta feira, sucedendo o inverso em 23 de Agosto. A troca de quarta feira por quinta feira não é de admirar, e pode até explicar-se como êrro de cópia, fácil de cometer. Mais grave é, porém, o que sucede no mês de Fevereiro de 1499, quando, segundo afirma Ayala, se diz que os dias 9, 14 e 27 foram respectivamente, numa segunda feira, sexta feira e domingo, e a verdade é que foram num sábado, quinta feira e quarta feira. A isto acrescentaremos nós: o leitor que depois de ler esta explicação, fundamentada em cálculos correctamente feitos, fôr estudar o *Roteiro*, convencer-se há até de que tôdas as datas daquele mês estão erradas. Isto precisa maior análise. Vamos expor a resposta clara e sagaz que a êste respeito dá o Dr. Hümmerich.

A armada do Gama partiu, no ano de 1498, da ilha de Angediva, para de novo atravessar o Oceano Índico, de regresso à Pátria, como expressamente se diz no *Roteiro*, «a uma sexta feira, que foram cinco dias do mês de Outubro». A duração da travessia até avistarem terra africana, em Magadoxo, é dada adiante: «Andámos tanto tempo em esta travessa que três meses menos três dias gastámos nela». Tendo partido em 5 de Outubro e durando a travessia três meses menos três dias, deve concluir-se que foi em dois de Janeiro de 1499 que avistaram terra africana, mas no *Roteiro* lê-se: «E foi uma quarta feira, dois dias do mês de Fevereiro da era de 1499 anos». Ora êste dia dois de Fevereiro foi num sábado, e o dia dois de Janeiro é que foi em quarta feira. Daqui deduz o Dr. Hümmerich, e muito bem, que há nesta cópia do *Roteiro* troca do mês. Engano do autor ou êrro do copista, a palavra *Fevereiro* tem de substituir-se por *Janeiro*, como corrobora a seqüência da narrativa. Com efeito, logo adiante se lê: «E ao sábado que foram cinco dias do dito mês», e em cinco de Fevereiro foi terça feira, o

sábado foi em cinco de janeiro. O *dito mês*, é, pois, este último. Conclusão semelhante se vai deduzindo das datas, sucessivamente mencionadas no dito mês, até à última: «E a um domingo, que foram 27 dias do dito mês, nos partimos daqui com muito bom vento à popa». É ainda do mês de Janeiro que se trata, cujo dia 27 foi, na verdade, um domingo. E o que vem comprovar cabalmente tudo isto é a chegada a Moçambique: «E ao primeiro dia de Fevereiro à tarde fomos pousar davante as ilhas de São Jorge em Moçambique». Se chegaram às ilhas de São Jorge no primeiro de Fevereiro, é bem claro, finalmente, que tudo o que antes se narra teve lugar em Janeiro. Assim, tudo se acerta e põe na evidente luz da verdade, emendando uma única vez a palavra *Fevereiro* para *Janeiro*, a primeira vez que aparece neste ano de 1499. A seqüência dos acontecimentos encaixava-se assim perfeitamente. A prova que Ayala classifica de mais esmagadora só pode, afinal, ser esmagadora para ele, porque mostra quão superficial foi o seu estudo do *Roteiro*.

As datas da partida de Lisboa, e chegada à Índia, da esquadra do Gama, dadas pelo *Roteiro*, são confirmadas pelas cartas de Girolamo Sernigi, o comerciante florentino estabelecido em Lisboa à data do regresso a Portugal dos expedicionários, com quem falou, as quais desmentem Gaspar Correia. As objecções de Ayala desfazem-se em fumo. O *Roteiro* tem claramente estampado na frente o selo da autenticidade, para quem o ler sem opiniões antecipadas, como afirma Hümmerich.

«*As Lendas da Índia*, de Gaspar Correia, são, pelo menos, enquanto se não provar o contrário, no que toca à primeira viagem de Vasco da Gama, a narração exacta e fiel do assombroso acontecimento» — diz Ayala. Ora, está bem provado o contrário. Aplicando à narrativa da primeira viagem do Gama, por Gaspar Correia, a luz intensa do seu seguro

critério, fundamentado em largo estudo, conclui o Dr. Hümmerich que ela está inçada de falsidades, como a sua narrativa da viagem de Álvares Cabral. Correia foi para a Índia em 1512, e tem autoridade para os acontecimentos de que foi testemunha ou esteve em condições de obter seguras informações, mas não a tem para os primeiros descobrimentos.

Rodrigo Felner, no seu prefácio as *Lendas da Índia*, acaba por formular êste juízo a respeito da obra de Gaspar Correia: «é preciso não dissimular que se encontram nela alguns erros cronológicos; algumas opiniões singulares, que não poderão ser admitidas senão depois de maduro exame, e uma propensão para o romanescos e maravilhoso, não impróprios das *Lendas*, antes nelas bem cabidos, porém incompatíveis com a gravidade da história». À conta desta propensão para o romanescos deve ser levada a conjuração (de que não há vestígio no *Roteiro*) tramada contra Vasco da Gama, pura lenda, que, na narrativa de Correia, assume proporções absurdas.

A suposta conjuração contra o Gama

Na sua crónica do rei D. Manuel, *De rebus Emmanuelis...*, publicada pela primeira vez em Lisboa, 1571, Jerónimo Osório conta a parte da viagem do Gama, desde a angra de Santa Helena até dobrar o Cabo, nos seguintes termos, segundo a tradução de Francisco Manoel do Nascimento (1): «Levaram âncoras dali [da angra de Santa Helena] e correram para o Sul, porfiados a montar o Cabo da Boa Esperança: porfia em que realçou muito o esforço do Capitão Vasco da Gama, porque eram cruelísimos os mares, frigidísimos e contrários os ventos, as brumas e os temporais continuos, sendo sempre

(1) *Da vida e feitos d'El-Rei D. Manoel*, vol. I, pág. 69.

naquelas partes, em tempos certos, muito horríveis e muito para temer, quando o Sol alumia a quadra Setentrional; e mais para quem nunca palpara aquelas ondas, do que conceberam tal susto, que tôda a confiança de salvamento rejeitavam. Que tais iam as vagas assomadas, que ora pareciam as naus romper as nuvens, ora roçar no leito do profundo. Acrescia a êste mal, que não podiam canjar avante. Deixavam-se ir com as velas ferradas à mercê dos ventos, fazendo bordos, por não perder caminho, esperando entre embates de maré o fim das tempestades. A cada sota que dava o tempo, vinham todos pôr-se à roda do Gama a pedir-lhe e requerer-lhe não quisesse dar acabamento com tão horrendo género de morte a si e a tantos, a seu crédito encomendados. Que não cabia em suas fôrças lutar contra tais ondas: que cedesse à tormenta, e antes que a sorvesse o mar, deixasse a Armada tornar à Pátria. E como êle recusasse com segurança de ânimo o requerido, conjuraram alguns de lhe dar morte. Soube-o êle por indícios de seu irmão Paulo da Gama; e pondo tôda a cautela no desvio, pôs a ferros Mestres e Pilotos, encarregando-se êle mesmo da incumbência do Piloto Mor. Depois de ter em fim por muitos dias sustido com valor sem quebra o pêso dos temporais, e o da perfídia, virou o tempo, tomou com os mais Capitães a ponta do Cabo, que com suma alegria começaram a dobrar em 20 de Novembro, pelo conceito em que estavam que uma vez vencido, vencidos eram todos os obstáculos de chegarem felizmente aonde pretendiam». Nesta narrativa encontra-se logo uma contradição: esta parte da viagem não foi feita «quando o Sol alumia a quadra setentrional», porque em Novembro o sol anda bem para o sul do equador; e na Armada ia quem já «palpara aquelas ondas», pois Pero de Alenquer, que fôra o piloto de Bartolomeu Dias no descobrimento do Cabo, era o piloto de Vasco da Gama. Diogo Kopke, na sua edição do *Roteiro*, faz a êste passo o seguinte comentário

(Nota n.º 18): «Parece-nos que não tem fundamento o que diz Osório da conspiração contra Vasco da Gama, que alguns da tripulação, cansados de sofrimento, tramaram no seguimento da viagem da Angra de Santa Helena para o Cabo; e do expediente que o capitão-mor tomou de prender os conspiradores, e fazer êle mesmo as vezes de piloto. Em tal não falam os três autores [Castanheda, Barros e Góis] que acabamos de citar, e parece-nos demais absurdo que, tendo-se partido da Angra de Santa Helena em 16 de Novembro, tendo-se chegado à vista do Cabo em 18, e tendo-o dobrado a 22, houvesse motivo para as tripulações desanimarem, e conspirarem contra seu comandante; — e isto ainda quando o tempo fôsse tempestuoso, o que contudo do nosso Roteiro não consta. — A audácia da empresa de Vasco da Gama não necessita do *romântico* para lhe dar realce».

Êste bem deduzido comentário contra a veracidade do episódio narrado por Jerónimo Osório foi por Herculano suprimido na segunda edição do *Roteiro*. Causou esta injusta supressão o aparecimento das *Lendas da Índia*, cujo primeiro volume se imprimiu em 1858, no intervalo das duas edições. O crédito, porém, que começou por dar-se à narrativa da primeira viagem do Gama, contida nesse volume, está hoje muito diminuído, pois é já indubitável que está cheia de falsidades.

Segundo Gaspar Correia, quando Vasco da Gama partiu para o mar em demanda da Índia, o Cabo da Boa Esperança não estava ainda descoberto! Desconhece o grande feito de Bartolomeu Dias, cujo nome só cita na viagem de Cabral. No Cap. II das *Lendas* (Vol. I, pág. 7) conta que Janinfante (João Infante) foi com quatro caravelas, por mandado de D. João II, a descobrir ao longo da costa de África para o sul, mas não pôde chegar ao Cabo por causa dos grandes temporais e grossos mares que lhe comiam os navios. Voltando, disse ao rei que, com navios grandes, «sem dú-

vida, tinha certa esperança» que acharia e dobraria a ponta austral africana. E como êle tinha esta boa esperança, chamou D. João II cabo da Boa Esperança a êste cabo ainda não descoberto mas que Janinfante esperava dobrar, o que não chegou a fazer porque morreu quando se começava a construção dos navios por êle requeridos, os quais depois formaram a armada do Gama. Assim, os primeiros navios que dobraram o cabo foram os de Vasco da Gama!

A armada largou do Tejo em 25 de Março de 1497, segundo afirma Correia, fazendo seu caminho ao cabo Verde. De lá navegaram ao sul, para depois irem dobrar a terra. Quando, porém, foram dar na costa, que reconheceram, tornaram na volta do mar em que correram muitos dias, e parecendo-lhes que poderiam dobrar, tornaram na volta da terra, mas de novo encontraram costa, verificando que estavam muito mais avante do que tinham chegado as caravelas de Janinfante. Fizeram nova volta ao mar e andaram tanto para o sul «que quási não havia no dia sol de seis horas!» E passando de um mês que corriam nesta volta, tornaram à terra, que esperavam agora dobrar. Mas, quando outra vez a viram, ficaram muito tristes e persuadidos que a costa africana corria continuamente para o sul, e não tinha cabo. No entanto Vasco da Gama afirmava que o cabo era já muito perto e que com outra volta o dobrariam. Os pilotos presumiam que êle assim o julgava porque «ia informado do judeu Zacuto!» E de novo se meteram ao mar que acharam em tormenta desfeita, com cerrações e escuridões, «e por os dias serem muito pequenos, sempre parecia noite». Havendo quási dois meses que iam nesta volta, os mestres e pilotos bradavam que fôsem demandar a terra, mas o Capitão-mor não queria. Por fim, parecendo-lhe já tempo, mandou navegar em leste e, não encontrando terra, acabaram por conhecer que tinham dobrado o cabo. Descobriram depois grandes serranias e correram ao longo da

costa, que era de leste oeste. Viram grandes enseadas e bôcas de grandes rios, entrando por um dêles, onde surgiram. Nicolau Coelho foi no batel explorar o rio, subindo por êle mais de vinte léguas sem achar gente. Então determinaram sair de novo para o mar, depois de tomar água e lenha.

Esta narrativa da procura e passagem do Cabo é inacreditável. Sabemos que êle foi dobrado em 22 de Novembro, tempo de verão no hemisfério do sul, em que são curtas as noites e não os dias. Mas, supondo mesmo que êle tivesse sido passado no solstício de inverno austral, em Junho, seria preciso que tivessem atingido altas latitudes, a menos de dez graus do circulo glacial antártico, para encontrarem dias de seis horas ou ainda de menos, como parece depreender-se quando Correia depois diz que «sempre parecia noite». A êste respeito diz Ravenstein (1): «O completo absurdo de esta narrativa é evidente, e surpreende que ela tenha sido aceite por historiadores sérios. Um dia de seis horas pode ter logar na latitude de 58° 30' S. no solstício do inverno — que no hemisfério austral é em Junho — mas não o pode haver em parte alguma dêste hemisfério durante o verão. Em Novembro a duração do dia naquela latitude é de cêrca de 16 horas e falar de «escuridão» em tais circunstâncias parece absurdo. Demais, teria sido impossível atingir tão alta latitude sem encontrar massas de gelo flutuante que seguramente seriam um fenómeno mais estranho para os companheiros de Vasco do que mares temerosos e fortes ventos, e mais dignos de registo». Parece-nos êste um juízo definitivo.

Continuemos a descrição da viagem, segundo Correia. Tornando os navios ao mar, correram ao longo da costa até o mês de Novembro, em que foram na volta do mar. Arma-se uma tormenta que toma proporções assustadoras. Os homens

(1) *A Journal of the first voyage of Vasco da Gama*, translated by E. Ravenstein, London, Hakluyt Society, 1898, pág. 193.

começam a adoecer e morrer dos grandes trabalhos. Pilotos, mestres, e tôda a gente, dão gritos e bradam aos capitães que arribem, mas o capitão-mor declara que não torna atrás um só palmo. Os marinheiros combinam levantar-se contra os capitães para os prenderem e arribarem a Portugal. Nicolau Coelho é avisado disto. Num momento em que o mar abonança, os navios chegam à fala, e Nicolau Coelho brada ao capitão-mor que era bom arribarem, com palavras em que dava a entender o que se passava. Vasco da Gama, por ser «muito avisado», logo compreende tudo e, chamando tôda a gente, diz-lhes que determinava arribar, mas, para sua desculpa perante El-Rei, tinha de fazer auto, com seus assinados, das razões porque assim procedia. O que depois se segue, é assim imaginado por Correia:

«Então o Capitão-mor disse que não havia mister que assinassem senão os que melhor entendessem as cousas do mar. Então o piloto e o mestre os nomearam, que eram três marinheiros. Ao que o Capitão-mor se recolheu à sua câmara, e falou com os seus criados que estivessem à porta da câmara, e meteu dentro o escrivão, que fizesse o auto, e mandou entrar os três marinheiros, e dissimulando lhe fez perguntas com juramento sôbre arribarem, e tudo se escreveu e assinaram. Então os mandou descer à outra câmara que tinha debaixo da sua, por um escotilhão, e mandou que o escrivão também fôsse abaixo com êles, e chamou o mestre e piloto, e os mandou também abaixo, dizendo que fôsem assinar que lá estava o escrivão, e chamou acima os marinheiros um a um, e pelos seus criados lhe mandou deitar ferros dentro na câmara, e aos mestres e pilotos grossos ferros. E sendo todos assim bem presos, o Capitão-mor os tirou fora e chamou a todos, dizendo ao mestre e piloto que logo ali lhe entregassem quantas cousas tinham de arte de navegar, se não que logo os havia de enforcar, do que havendo grande mêdo, tudo lhe entregaram, e tendo tudo na mão o

deitou no mar, dizendo: «Gentes, olhai que não tendes mestre nem piloto, nem quem vos ensine o caminho de hoje em diante, porque estes que tenho presos debaixo da coberta, haviam de tornar a Portugal, se primeiro não morressem». Porque êle tinha sabido que entre si ordenavam de se alevantarem, e forçadamente se fôsem a Portugal, que portanto deitara tudo ao mar, e não queria mestre nem piloto, nem homem que soubesse arte de navegar, porque só Deus era o mestre e piloto...».

De nada disto, que devia ter-se passado antes da chegada a Moçambique, há o menor vestígio no *Roteiro*, como não há do que conta Osório. Sobre tal narrativa, que termina pelo gesto absurdo do capitão-mor a lançar, por suas próprias mãos, os astrolábios e cartas de marear pela borda fora, emite Ravenstein o seguinte juízo⁽¹⁾: «Osório dá semelhantemente o relato de uma insubordinação, mas diz que ela ocorreu antes de ser dobrado o Cabo. Difere em outros pontos de Correia, informando, por exemplo, que «*todos os pilotos foram postos a ferros*». Como o livro de Osório foi publicado em 1571, enquanto que o manuscrito de Correia, apesar de escrito em 1561, só chegou a Lisboa em 1583, não é provável que o primeiro se inspirasse no segundo. Podem ter ambos derivado a sua informação da mesma fonte impura, e aceitado como registo de um facto uma tradição sem fundamento. Que possa ter havido algum descontentamento entre os homens é inteiramente possível, mas não podemos crer que os pilotos intentassem pôr-se à frente de uma insubordinação. Concordamos plenamente com o Professor Kopke quando prefere a autoridade de Barros, Góis e Castanheda, e a do autor dêste «*Roteiro*», à de Osório. Isto aplica-se, ainda com mais força, à narrativa absurdamente elaborada por Correia. A. Herculano, na segunda edição do *Roteiro*

(1) *Ibidem*, pág. 194.

(pág. VIII) rejeita a nota (1) de Kopke com o fundamento insuficiente que as eminentes autoridades, acima referidas, se abstiveram de qualquer alusão a uma revolta pelo «receio de deslustrar os companheiros do Gama». Mas Herculano acreditava em Correia — nós não».

Sobre a opinião de Herculano volveram muitos anos. Novos documentos, novos estudos, têm diminuído fortemente o crédito de Gaspar Correia como cronista das primeiras viagens. Assim, com Ravenstein, temos de retomar a opinião de Kopke a respeito do relato da suposta revolta, feito por Osório, e estendê-la ao relato de Correia, rejeitando um e outro. Mas devemos examinar ainda outra narrativa de conjuração: a que Castanheda coloca na travessia do Oceano Índico, já de volta a Portugal.

A viagem de regresso, desde a ilha de Angediva, foi iniciada, segundo o autor do *Roteiro*, em 5 de Outubro de 1498, gastando três meses menos três dias através do mar da Índia até chegarem à vista de Mogadoxo. Mas nesta travessia encontraram muitas calmarias e ventos contrários, e sobreveio o escorbuto de que morreram trinta homens. Em cada nau só sete ou oito da tripulação podiam ocupar-se da faina do navegar. O triste estado a que chegaram é descrito assim textualmente: «Em tal ponto éramos que era todo já *composto*: e andando nós assi nesta coita faziamos muitos prometimentos a santos e pittores pelos navios. E os capitães tinham já feito conselho que, se nos vento igual acudisse que nos tornasse a terra da Índia donde partíramos, de arribarmos a ela. Quis-nos Deus, por sua misericórdia, dar tal vento que, em obra de seis dias, nos trouxe a terra». Como se vê, não há aqui referência a qualquer insubordinação. Contudo Herculano junta à palavra *composto*, que

(1) É a nota, atrás transcrita (pág. 20), sobre a narrativa de Jerónimo Osório.

sublinhamos no texto transcrito, a seguinte nota (pág. 101 da 2.^a edição do *Roteiro*): «Talvez *descomposto*, isto é, desordenado, indisciplinado». Esta emenda de *composto* para *descomposto* é inteiramente inaceitável, pois o texto é bem inteligível: «era todo já composto» quer dizer que estava já tudo conforme com a sua sorte, estavam todos resignados. O verbo *compor-se* tem, como pode ver-se, por exemplo, no *Dicionário* de Moraes (1), a significação de «conformar-se, resignar-se», e neste mesmo sentido é empregado num passo anterior do próprio *Roteiro*. É quando Vasco da Gama, na volta da audiência do Samorim, ficando preso com os companheiros, diz aos que o guardam que, pois o não deixam ir para os navios, deixem ir aqueles seus homens para não morrerem ali de fome. A resposta foi esta: «E eles disseram que estivessem, que se morriam de fome que se *compossem*, que eles não davam por isso nada» (pág. 71).

O pequeno capítulo (Cap. XXVII do Liv. I) em que Castanheda conta a viagem de regresso, está cheio de erros. Como no *Roteiro* se diz que partiram de Angediva em 5 de Outubro, gastaram três meses menos três dias na travessia e chegaram à vista de Mogadoxo em 2 de *Fevereiro*, e estes dados são incompatíveis, Castanheda, em vez de emendar a última data para 2 de *Janeiro* (que é a correção a fazer, como atrás vimos)(2), aumenta a duração da travessia para

(1) *Compôr-se*; conformar-se, resignar-se: v. g. *compôr-se com a sua sorte, com a vontade divina; com a sua máguia*; i. é, sofrer-se. *Eufr.* 2. 3. *Palm.* 3. f. 124 v. *compôr-se com a má fortuna; com a perda.* *Ined.* 3. 229. *Vieira*, 10. 325 [*Dicionário da lingua portugueza*, de A. de Moraes Silva, sexta edição, Lisboa, 1858]. *Compôr-se*, conformar-se, resignar-se (— com a sua sorte, com a vontade divina) [*Novo dicionário da lingua portuguesa*, por E. de Faria, 3.^o edição, Lisboa, 1855].

(2) A comprovar a necessidade e exactidão desta emenda, há também o facto de ela ter já sido feita em 1898 simultaneamente por E. Ravenstein e F. Hümmerich sem saberem um do outro (*A Journal of the first voyage of V. da G.*, pág. 87, nota 3; *Vasco da Gama und die Entdeckung des Seewegs nach Ostindien*, págs. 144 e 189, nota 2).

quatro meses. Depois, como põe a chegada a Mogadoxo em 2 de Fevereiro, diz que passaram defronte de Pate num sábado cinco de Fevereiro (em 5 de Janeiro é que foi sábado), e dá como sendo no mesmo mês a largada de Melinde e a queima do *S. Rafael* nos baixos do mesmo nome. Assim quatro vezes fala expressa e erradamente no mês de Fevereiro, em vez de Janeiro. E como no *Roteiro* se dá a chegada às ilhas de S. Jorge no primeiro dia de Fevereiro, Castanheda emenda para o primeiro de Março. Mas considera depois, e com verdade, o dia 3 de Março como o da chegada a Angra de S. Brás do que resulta ter sido feito, entre 1 e 3 de Março, todo o percurso desde Moçambique a S. Brás! Assim reduz a menos de três dias a duração de uma derrota de 500 léguas que os nossos efectuaram realmente num mês. Dêste modo se notam logo tantos erros, resultantes de êle não ter acertado na emenda a fazer ao *Roteiro*. O mesmo succedeu a Damião de Góis.

Castanheda conta que, depois de bem engolfada no mar, encontrou a armada grandes calmarias e ventos contrários; que, por causa disso, durou a travessia *quatro* meses, no que exagera um mês; que adoeceram os homens com o escorbuto, morrendo trinta, e ia faltando a água. Depois acrescenta: «E para maior desconsolação afirmavam os pilotos que aqueles tempos eram ali gerais e por isso duravam tanto, que se o não foram já se acabaram; e assi o cria a gente pelo que desmaiaram de todo e se deram por mortos, e bradavam todos a grandes brados que arribassem a Calecut ou ao outro lugar da Índia que melhor seria morrerem em terra que no mar; e requeriam a Vasco da Gama e aos outros capitães que arribassem, e também o requeriam os pilotos e os mestres em muitos conselhos que Vasco da Gama fazia sôbre isso: e respondia com muito esforço que não podia ser que aqueles tempos ali fôsem gerais porque, se o foram, não se podera navegar por aquele golfão como

navegava para Melinde e outras partes, por isso que cressem que aqueles tempos haviam de ter fim: e dizia-lhes outras muitas cousas para os esforçar porém os pilotos não ficaram nada contentes, e fizeram todos conjuração com os mestres, e marinheiros, e outra gente alguma, que como tornasse o vento que arribassem com êle a Calecut. O que sendo descoberto a Vasco da Gama, prendeu os pilotos, e êle tomou o cuidado de mandar a via, e o deu aos outros capitães enquanto andassem naquele trabalho. E havendo nosso Senhor piedade dêle, mandou vento que em obra de dezasseis dias pôs a frota à vista da outra costa diante da cidade de Mogadoxo». A esta conjuração que Castanheda enxerta no *Roteiro* deve dar-se o mesmo crédito que às outras emendas que nêle fez e o levaram a essa derrota impossível desde Moçambique à Angra de S. Brás, entre um e três de Março. Até os seis dias, em que o vento favorável os levou à vista da terra, êle aumenta para dezasseis. Tendo de reduzir os quatro meses, que êle supõe terem durado as aflições da travessia, nos três meses menos três dias em que ela se realizou, devemos igualmente reduzir tôda esta narratira às dimensões do *Roteiro*, eliminando a conspiração a que nêle se não faz referência.

O Dr. Franz Hümmerich, no terceiro dos seus Estudos publicados no vol. X da *Revista da Universidade de Coimbra*, analisa vários passos das *Lendas da Índia* donde deduz uma bela explicação da psicologia de Gaspar Correia, que se compraz em tantos exageros e fantasias, ficando subjectivamente honesto. Ocupa-se também do seu relato da conjuração, comparando-o com os de Osório e Castanheda, e como êles a localizam diferentemente, um na passagem de Santa Helena para o Cabo, outro no percurso da costa oriental sôbre Moçambique e o outro no regresso da Índia, conclui que se não inspiraram em fonte escrita mas numa tradição oral que cada um colocou no momento que lhe pareceu mais apropriado. Assim, a Castanheda, que segue o

Roteiro, pareceram mais próprios os dias aflictivos da volta pelo Oceano Índico, e substituiu o estado de resignação da gente, tôda entregue a rezas e promessas a santos, por uma conjuração de pilotos, mestres e marinheiros. O Dr. Hümmereich acha completamente inaceitável a narrativa de Osório, de uma revolta numa esquadra de fortes navios, preparados com tanto cuidado, bem providos de mantimentos, com pilotos e tripulação escolhida, incluindo o piloto e marinheiros de Bartolomeu Dias, ainda antes de chegarem ao limite já atingido por êste. «Isso é inconcebível e sem exemplo na história dos descobrimentos portugueses dêsse tempo» (1). Sente-se mesmo inclinado a negar igualmente as outras narrativas de sublevação, não lhes reconhecendo fundamento algum de realidade, como a moderna investigação fez a respeito do pacto de Colombo com a tripulação amotinada na viagem de 1492, prometendo voltar para Espanha, se dentro de três dias não vissem terra (2). Uma consideração o retém nessa sua tendência, a diferença essencial que nota nos dois casos: a tradição da revolta contra Colombo começou dezenas de anos depois da viagem, ao passo que a revolta contra Vasco da Gama já se encontra mencionada num documento pouco posterior, o qual é o relatório enviado de Lisboa em 1506 pelo italiano Cá Masser à Senhoria de Veneza.

Com efeito no começo da sua *Relazione*, e logo no «Viaggio Primo», Lunardo da Cá Masser, depois de dizer que D. Manuel mandou D. Vasco da Gama com 4 caravelas ao longo da costa da Guiné até descobrir a Índia e que os navios chegaram ao Cabo, a 2.000 léguas de Lisboa, continúa (3): «E gionto qui [a Cao di Bona Speranza] il Ca-

(1) *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. X, pág. 257.

(2) *Ibidem*, pág. 259.

(3) *Centenário do descobrimento da América, Memórias da Comissão portuguesa*, Lisboa, 1892, pág. 68.

pitania, stevano le persone de tutte 4 caravelle in gran contrasto, erano d'una opinione di non andar più oltre; e dicevano al Capitania, che andavano come perduti perchè non tenivan più vittuaria, e molti delli marinari erano morti. Al ditto Capitania li parse di andare più oltre, per essere più propinquo a trovare alcuno loco di vittuaria, che tornare indietro: e cusi montò el Cao con gran fortuna». O Dr. Hümmerich reconhece que o fundamento aqui dado para a revolta, a falta de viveres, é falso, pois a esquadra tinha nessa altura mantimentos em abundância. E no resto da viagem o parco relato está cheio de erros: os quatro navios chegam todos à Índia e voltam todos a Lisboa, e a verdade é que o dos mantimentos foi queimado na ida e a nau *S. Rafael* na volta; há confusão de Monçaide com Gaspar da Gama, que à chegada dos navios a Calecut vem a bordo de cruz em punho, mandado pelo Samorim, e é logo prêso e espancado pelo Capitão-mor, etc. Conclui por isso que a narrativa de Cá Masser se baseia numa informação oral inexacta. Esta conclusão não pode deixar de aceitar-se, mas entendemos que alguma coisa há a acrescentar, essencial para o assunto que estamos tratando. Nós pensamos que o informador do veneziano, quando lhe falou no levantamento da tripulação para não proseguirem viagem, com medo de falta de viveres, fazia simplesmente uma manifesta confusão com os factos passados na viagem de Bartolomeu Dias.

Na *Década I*, liv. III, cap. IV, conta Barros como, saindo Bartolomeu Dias da Angra das Voltas, situada em 29 graus de latitude austral e assim denominada pelas muitas voltas em que aí andaram por causa do mau tempo, o mesmo tempo os fez correr treze dias com as velas a meio mastro. Cessando aquela fúria do mar, vieram demandar terra pelo rumo de leste, e não a encontrando, carregaram sôbre o rumo do norte, com que foram ter a uma angra que chamaram dos Vaqueiros. Correndo a costa, chegaram a um

ilhéu em que poseram o padrão, chamado da Cruz, que deu nome ao ilhéu. O que então se passou é assim textualmente narrado: «Aqui como a gente vinha cansada e mui temerosa dos grandes mares que passaram, tôda a uma voz começou de se queixar, e requerer que não fôsem mais avante, dizendo como os mantimentos se gastavam, para tornar a buscar a nau que deixaram atrás com os sobresselentes, a qual ficava já tão longe que quando a ela chegassem seriam todos mortos à fome, quanto mais passar avante. Que assás era de uma viagem descobrirem tanta costa, e que já levavam a maior novidade que se daquele descobrimento levou: acharem que a terra se corria quási em geral para Leste, donde parecia que atrás ficava algum grande cabo, o qual seria melhor conselho tornarem de caminho a descobrir. Bartolomeu Dias, por satisfazer aos queixumes de tanta gente, saiu em terra com os Capitães e Officiais, e alguns Marinheiros principais; dando-lhes juramento, mandou-lhes que dissessem a verdade do que lhes parecia que deviam fazer por serviço del Rei; e todos assentaram que se tornassem para o Reino, dando as razões de cima, e outras de tanta necessidade, do qual parecer mandou fazer um auto, em que todos assinaram. Però, como seu desejo era ir avante, e sòmente quis fazer êste cumprimento com a obrigação de seu officio e regimento del Rei, porque lhe mandava que as cousas de importância fôsem consultadas com as principais pessoas que levava, pediu a todos, quando veio ao assinar da determinação em que assentaram, que houvessem por bem correrem mais dois ou três dias, a costa; e quando não achassem cousa que os obrigasse a prosseguir mais avante, que então fariam a volta; o que lhe foi concedido. Mas no fim dêstes dias que pediu não fizeram mais que chegar a um rio, que está 25 léguas avante do ilhéu da Cruz em altura de 32 graus e dous terços. E porque João Infante, Capitão do navio S. Pantaleão, foi o primeiro que saiu em terra, houve o rio o

nome que ora tem do Infante, donde se tornaram, por a gente tornar a repetir seus queixumes. Chegados ao ilhéu da Cruz, quando Bartolomeu Dias se apartou do Padrão que ali assentou, foi com tanta dor e sentimento, como se deixara um filho desterrado para sempre, lembrando-lhe com quanto perigo de sua pessoa, e de tôda aquela gente, de tão longe, vieram sòmente àquele efeito, pois lhe Deus não concedera o principal. Partidos dali, houveram vista daquele grande e notável Cabo, encoberto por tantas centenas de anos, como aquele que, quando se mostrasse, não descobria sòmente a si, mas a outro novo mundo de terras. Ao qual Bartolomeu Dias, e os da sua companhia, por causa dos perigos e tormentas, que em o dobrar dêle passaram, lhe poseram nome Tormentoso». Eis o que se passou quando Bartolomeu Dias descobriu o Cabo que depois D. João II denominou da Boa Esperança. Mas o feito de Vasco da Gama veio pôr na sombra tão importante descobrimento, a ponto de Gaspar Correia o ignorar, confundindo as duas viagens. Correia pôe a esquadra do Gama a procurar o ainda desconhecido cabo, o qual passam, sem o ver, em grande tormenta; e quando vem a bonança, reconhecem que já o tinham dobrado, acabando por encontrar costa rumada na direcção de leste oeste. Ora isto succedeu com os navios de Bartolomeu Dias. E faz lembrar o auto, por êste mandado lavrar, o que Vasco da Gama manda escrever e assinar por motivo da conjuração, segundo Correia, convocando o piloto, o mestre e três marinheiros principais. Não admira pois que o informador de Cá Masser, na inexacta narrativa que lhe fez da viagem do Gama, incluísse também um eco dos factos passados na viagem do seu predecessor, inconsciente do absurdo das tripulações se alarmarem com mêdo da falta de viveres, quando ia com êles um navio bem provido de mantimentos. E assim devemos ter como certo que o fundamento único dêstes boatos, que começaram logo a correr sôbre a espantosa viagem de

de descobrimento do caminho marítimo da Índia, é mera confusão e exagero do que se passou na descoberta do Cabo.

Se entendemos que deve rejeitar-se como falsa a afirmação de qualquer revolta tramada contra Vasco da Gama, não é só porque no *Roteiro*, de cuja autenticidade não pode já duvidar-se, não há a menor referência a tal acontecimento. É também porque nêle se narram factos que mostram um estado de relações de amor e respeito, entre o capitão-mor e a sua gente, incompatível com conjurações e revoltas. A esquadra largou da ilha de Santiago em 3 de Agosto, engolfando-se no pego do mar, e ao fim de 93 dias de um longo circuito pelo Atlântico do sul avistaram terra, que denominaram Angra de Santa Helena. Feito inteiramente novo, prova de um grande saber náutico. Até então tinha-se avançado nos descobrimentos, costeando o continente africano. «Esta primeira passagem através do Atlântico austral é um dos grandes feitos registados nos anais da exploração marítima», diz Ravenstein (1). Em 18 de Agosto caíra sobre a esquadra uma daquelas enormes borrascas frequentes nas regiões equatoriais. A fôrça do vento despedaçou a vêrga da vela grande da nau capitaina. Era dia de Santa Helena, e deve ter sido o pior da travessia, para assim ficar registado no *Roteiro*. Supomos que foi em memória da Santa, invocada nesse dia, que puseram o nome de Santa Helena à primeira terra onde chegaram (2). Ai Fernão Veloso tanto

(1) *A journal of the first voyage of Vasco da Gama*, London, 1898, pág. XVIII.

(2) Que os nomes dados às terras descobertas não eram só os dos Santos dos dias do descobrimento, dá-lo claramente Barros: «Punham também os nomes aos cabos, angras e mostras da terra que descobriram, ou por razão do dia que ali chegavam, ou por qualquer outra causa como a Angra a que ora chamamos das voltas, que por as muitas em que então ali andaram lhe deram êste nome Angra das Voltas»

importuna o Gama, pedindo licença para ir ao interior ver as casas e costumes dos naturais, que a obtém. Mas quando Veloso volta apressado pelo outeiro «mais fácil de descer que de subir», os capitães estavam ceando na *S. Gabriel*. Vasco da Gama acode na barca à vela e é ferido por uma das azagaias então despedidas pelos indígenas. Êste episódio, que mostra a solicitude do capitão-mor pelos seus homens, ficou registado nos *Lusiadas*:

Da espessa nuvem, setas e pedradas
 Chovem sôbre nós outros sem medida,
 E não foram ao vento em vão deitadas,
 Que esta perna trouxe eu dali ferida.

(V, 33).

Depois, estando êles na Angra de S. Brás, apareceram na praia, num sábado 2 de Dezembro, cerca de 200 negros que começaram a tocar flautas, uns alto, outros baixo, concertando muito bem, e ao som da música puseram-se a bailar. Então, diz Álvaro Velho: «E o capitão mor mandou tanger as trombetas e nós em os batéis bailávamos, e o capitão-mor também de volta connosco». Isto prova bem que êle não era, para os seus, apenas o chefe temido, era também o chefe estimado e querido, que por êles acudia, expondo-se a perigos, e com êles folgava nas horas de desenfado.

Em Calecut, depois da audiência com o Samorim, o Catual dá instruções disfarçadas para não deixarem ir os portugueses para bordo. O Gama fica retido com os que o acompanharam à audiência, e exigem dêle que mande ordem aos navios para entrarem no pôrto ou fazerem entrega dos lemes e das velas, o que seria a perdição da esquadra. Êle

(*Década I*, liv. III, cap. IV). Da denominação da baía de Santa Helena tratamos no livro *Horas Serenas, Album literário e artístico*, Lisboa, 1923, págs. 219 e 220.

resiste firme e serenamente, e envia recado secreto a Nicolau Coelho para se afastar com os batéis e pôr os navios em boa guarda. Acima de tudo é necessário que as naus voltem a Portugal com a notícia do descobrimento, embora êle e os companheiros presos sejam sacrificados, como a cada momento os ameaçam. «Todo êste dia estivemos metidos nesta agonia», diz Álvaro Velho. E que fazem estes homens que a todo o instante esperam ser assassinados com o seu chefe? Revoltam-se? Queixam-se, ao menos? Eis o que êles resolvem fazer neste aflitivo transe: «... porém nós contudo não deixamos de ceiar muito bem disso que se achou pela vila. Esta noite nos guardariam mais de cem homens, todos armados de espadas, e bisarmas e escudos, e arcos e frechas». Homens que compartilham assim alegremente do perigo de morte a que está exposto o capitão-mor, não fazem conjurações contra êle. E êle bem sabia que tinha o respeito e amor dos seus e por isso podia bailar às trombetas⁽¹⁾ com êles, em horas de desenfado. Se no *Roteiro* não aparece

(1) Cantar e bailar às trombetas, parece ter sido o divertimento favorito dos lusitanos nas horas de folga da arrojada expedição. Na terça-feira, 29 de Maio de 1498, que mediou entre as duas audiências de Vasco da Gama com o rei de Calecut, estava êle muito agastado e aborrecido porque os seus presentes para o Samorim tinham sido escarnecidos e rejeitados pelo Catual e pelo feitor do rei, os quais depois o deixaram para irem ao paço pedir nova audiência, como êle queria. «E o capitão esperou todo aquele dia aguardando por êles, e êles nunca mais tornaram. E estando o capitão assi apaixonado de se ver entre homens tão freimáticos e de tão pouca certeza, quisera-se ir ao paço sem êles, porém houve por melhor conselho esperar até o outro dia. E nós contudo não deixávamos de nos desenfadar, e cantávamos e bailávamos às trombetas, e tomávamos muito prazer» (*Roteiro*, pág. 65). Na Angra de S. Brás o capitão-mor, bem humorado, dançava com os seus. Aqui, enquanto os doze companheiros cantavam e bailavam, êle, remoendo-se de despeito pelo vexame sofrido, pensava em vencer as dificuldades com firmeza e habilidade.

a menor referência a tentativas de revolta, a razão única é que em tal se não pensava.

Os boatos de conjuração foram do conhecimento de Camões que teve sempre, acima de tudo, o amor da verdade e por isso os rejeitou. As estâncias 71 e 72 do Canto V dos *Lusíados* têm a significação de um desmentido formal:

Crês tu que se este ajuntamento
De soldados, não fôra lusitano,
Que durara êle tanto obediente
Por ventura a seu Rei, e a seu Regente?

Crês tu que já não foram levantados
Contra seu Capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquela portuguesa alta excelência
De lealdade firme, e obediência.

Assim, com o poeta, reclamamos para o lusitano ajuntamento, com quem o grande Capitão pôde realizar o seu espantoso feito, que seja levantada a suspeita de actos desleais que lhes não devem ser atribuídos. Nesta viagem revelou Vasco da Gama um conjunto admirável de nobres e superiores qualidades que lhe permitiram dirigir e levar a cabo tão difícil e árdua empresa. Para que êle possa ser admirado em tôda a sua grandeza, não é preciso depreciar os seus companheiros e colaboradores. A mesma luz de glória que resplandece sôbre a sua figura, nêles se reflecte pura e sem sombras.

Coimbra, Fevereiro de 1925.









